

LUÍS FERNANDO COUTO

AS METAMORFOSES

DO PAPEL

*(miniaturas de carrinhos e
de instrumentos musicais)*

sala
do artista popular

Nacional do Folclore — Rua do Catete, 179 — Rio de Janeiro - RJ

MINISTÉRIO DA CULTURA

18

MINISTÉRIO DA CULTURA

Fundação Nacional de Arte

Presidente: *Ziraldo Alves Pinto*

Diretora-Executiva: *Maria Luiza Librandi*

Instituto Nacional do Folclore

Diretora: *Amália Lucy Geisel*

Comissão Responsável pela Sala do Artista Popular:

Ana M. Heye

Dinah Guimaraens

Elizabeth Travassos

Maria Helena Torres

Ricardo Gomes Lima

Fotos:

José Augusto Reis

Programação visual e arte-final:

Marcio Cyranka do Rêgo Monteiro

LUIÍS FERNANDO COUTO – AS METAMORFOSES DO PAPEL (miniaturas de carros e de instrumentos musicais)

“Tudo quanto é papel era aproveitado. Era não, é.” Assim Luís Fernando Couto exprime sua convicção de que qualquer espécie de papel oferece múltiplas possibilidades de criação, quando aliada ao desenho e à habilidade artesanal. O artista tem 33 anos, nasceu no Flamengo, mora atualmente em Ramos, é um apaixonado por música, e pela confecção de miniaturas de carros (especialmente carros-esportes, de desenho moderno) e de instrumentos musicais. Estudou desenho mecânico para “ter uma profissão” e já trabalhou como compositor manual em uma tipografia, onde aprendeu impressão e encadernação. Já foi também desenhista de arquitetura e hoje trabalha como desenhista publicitário.

O trabalho com papel começou quando ainda era menino, fazendo seus próprios carrinhos de brinquedo com estrutura de caixa de fósforo e carroçaria de papelão.

“Os carros é uma coisa bem antiga, porque nessa época que eu morava no Flamengo, vivia em prédio fechado. Então existia um desejo muito grande de ter brinquedos. Também já não era muito possível. Mesmo assim, já existia também uma necessidade difícil de explicar, mas que ficava muito ligada ao que eu via pela janela de carro. De carro de corrida, essa coisa

toda de televisão e jornal. Aí eu buscava formatos. E quando saía à rua era uma perseguição terrível. Entrava embaixo de carro para examinar. A tendência natural parecia ser que eu ia seguir uma carreira de mecânico ou projetista. Isso eu tinha uns 7 anos. Na época eu não colava, prendia com alfinete e usava como estrutura caixas de fósforo. Só depois que a caixa de fósforo deixou de ser madeira para ser papel, que eu parti então para um chassi próprio, quer dizer, criar uma estrutura, uma base no formato que eu quisesse. Aí os carros cresceram de tamanho e conquistaram uma série de coisas mais próximas do real. Este resultado agora já tá bem transformado, mas ainda tem aí o modelo do primeiro carro que eu fiz, não utilizando mais as caixas de fósforo. Até porque o formato era pequeno.”

Desde as primeiras experiências até a fase atual, Luís Fernando ampliou a gama de materiais e, sobretudo, a variedade dos tipos de papel que se prestam à confecção de suas miniaturas. Hoje em dia são usadas caixas de *disquettes*, embalagens de sabonete, lâminas que lacram as latas de leite condensado, chapas de zinco, acetato, papel adesivo Contact, papéis que imitam couro, veludo ou vidro, etc, a maioria deles trabalhada ainda a lápis ou tinta, de forma a adquirir a textura desejada. Assim, além do “impacto da redução”, efeito conscientemente buscado pelo artis-

ta ao aproximar suas miniaturas de modelos reais, as peças fascinam também pela ilusão de que são feitas com outros materiais — metal, por exemplo —, quando na verdade estes entram em proporção mínima e a grande parte das peças é mesmo de papel, metamorfoseado em plástico, fibra de vidro, couro ou metal.

No começo de cada uma das miniaturas está sempre o prazer do artista de ver um pedaço de papel plano adquirir três dimensões a partir de um desenho esboçado a lápis sobre o material ou traçado mentalmente.

Embora os carros não sejam cópias fiéis dos modelos realmente existentes, são todos criados a partir destes modelos, adaptando-se, aqui e ali, um ou outro elemento, sem que percam no entanto a semelhança com os carros de verdade.

“As duas tentativas que eu fiz de copiar foram frustrantes. No fim das contas é um carro igual aos outros, quer dizer, imagina um Opala reduzido: não tem graça! A criação para mim dá uma perspectiva muito mais ampla. Porque eu pesquiso muito carro europeu. O italiano, por exemplo, é exímio no desenho de automóveis. Existe o Masseratti, o Lambourguini, todos estes carros têm assim uma dimensão aerodinâmica muito mais interessante, muito mais ousada; a partir disto eu vou misturando formas: a traseira de um com a frente de outro, quer dizer, eu faço o carro do jeito que eu quero. Até porque a gente passa a entender de automóveis, passa a entender que a indústria brasileira tem deficiências, então começo a brincar com isto: a fazer dos carros o que deveria ser verdade na rua.”

Suas fontes de referência para o conhecimento de novos desenhos de automóveis são as revistas de publicidade,

os anuários de propaganda e outras publicações especializadas, geralmente estrangeiras, às quais tem acesso através da empresa em que trabalha e dos colegas de profissão.

Para atingir o nível de detalhamento atual das peças, adaptações engenhosas foram sendo progressivamente descobertas, especialmente no que diz respeito aos recursos materiais: para as dobradiças das portas dos carros, por exemplo, Luís Fernando usa um papel fibroso (capa de *disquette*) que não rasga quando dobrado; as rodas dos veículos são rodas de brinquedos industrializados com novas calotas de papelão ou lata; até mesmo um relógio digital — funcionando — foi adaptado ao painel de um carro ultramoderno, cujo volante é um *manche* de avião: uma inovação que, se já não o foi, será proximamente incorporada aos carros de verdade. Quando descobre algum material que será reaproveitado em suas miniaturas, Luís Fernando diverte-se dizendo que aquilo teria sido fabricado especialmente para ele.

Seus carros, além de impressionarem pela perfeição do acabamento artesanal, deslumbram crianças e adultos, quando se movem, de faróis acesos, correndo no chão ou em uma pista. Os motores são os de toca-discos ou carrinhos industrializados, movidos a pilha. A introdução destes motores, mais recentemente, exigiu um remanejamento do desenho, que agora prevê espaço para o motor e as pilhas. Os carros mais novos funcionam com controle-remoto. Os anteriores, sem mecanismo de direção, correm sobre uma pista de papelão e fita crepe, dobrável para facilitar o transporte e caber em espaço reduzido, pintada com tinta Suvinil preta que imita o asfalto, tem sinais luminosos e *guard-rail* de caixa de fósforo. Para completar, os motores dos carros fazem barulho.

Grande parte do material necessário Luís Fernando obtém juntando pacientemente tudo aquilo que outros julgam inútil ou fora de uso, como sobras de papel das gráficas, caixas de fósforo vazias, sucada de eletrodomésticos, todas as qualidades de papel e de papelão, alfinetes, fios descascados, caixinhas de filmes fotográficos, etc. Além disto, emprega diversos tipos de cola, lápis de cor e tinta guache.

A afinidade com a música fica evidente quando se chega à casa de Luís Fernando e se vê a sala de estar dominada pelo equipamento de som e pelas fitas e discos, cuidadosamente arrumados em estantes fabricadas por ele mesmo, em papelão. Ou quando se conversa com ele, para quem a música é um dos assuntos prediletos. Esta paixão, somada ao gosto pelas formas e à habilidade de trabalhar o papel, levaram-no às miniaturas de instrumentos musicais, a partir de 1984.

“Inicialmente comecei pelo violão, com a proposta de dar a textura da madeira, utilizando a base do papel, depois partindo para o projeto tridimensional, fazendo a redução quase que em escala, mais visual. O processo de redução às vezes precisa de uma certa deformação para não interferir no visual da coisa. Os primeiros tiveram um desenho-base. Agora é só pegar a tesoura e cortar o papel. Depois da terceira peça o domínio do papel facilita. Eu sei de cabeça como é um violão, as guitarras. No caso do saxofone eu preciso de um desenho para me situar.”

O desenho correto dos instrumentos é pesquisado novamente nos livros, folhetos de propaganda e nas lojas comerciais, onde examina os detalhes das peças que deseja construir.

Atualmente Luís Fernando tem 26 instrumentos prontos, montados em molduras de papelão para serem expostos na parede. Os instrumentos são abordados em conjuntos definidos por estilos musicais: a música clássica se faz representar pelo piano de cauda, pelo violino, pela flauta transversa, pela cítara (“um estilo mais ousado de música clássica”, que não se limita aos instrumentos convencionais da orquestra) e pela harpa diagonal (“mais atrevida”). No *rock* estão a guitarra rítmica, a guitarra-solo (cópia da guitarra de Jimi Hendrix), uma bateria. O *jazz* reúne uma bateria menor, mais dois pianos — um de cauda e outro de armário — e o saxofone. Um conjunto regional compõe-se de sanfona, violão e zabumba. Finalmente, o artista fez também um conjunto reduzido de música *country*, com duas craviolas, um banjo e uma gaita de boca.

E como há música para todos os gostos e Luís Fernando aprecia todos os gêneros, fez também um sintetizador em miniatura, representando as tendências mais modernas no campo da técnica de produção de som.

Em alguns elementos destas miniaturas, o papel ou o papelão foram admiravelmente disfarçados, ficando praticamente irreconhecíveis. As membranas das peças de percussão, bem como a pele do banjo, imitam à perfeição o couro ou o material sintético de que são feitos nos instrumentos de verdade. Nas miniaturas, estas partes são de papel vegetal “sujo” de grafite e coberto por uma camada de *spray*. No fole da sanfona foram usadas duas películas de Letratone superpostas de forma descentralizada. Outros tantos detalhes de acabamento só podem ser examinados de perto nestas miniaturas que, como os carrinhos, requerem quase um mês de trabalho ou mais, atividade à qual o artista se dedica à noite, nas folgas e nos fins de semana.

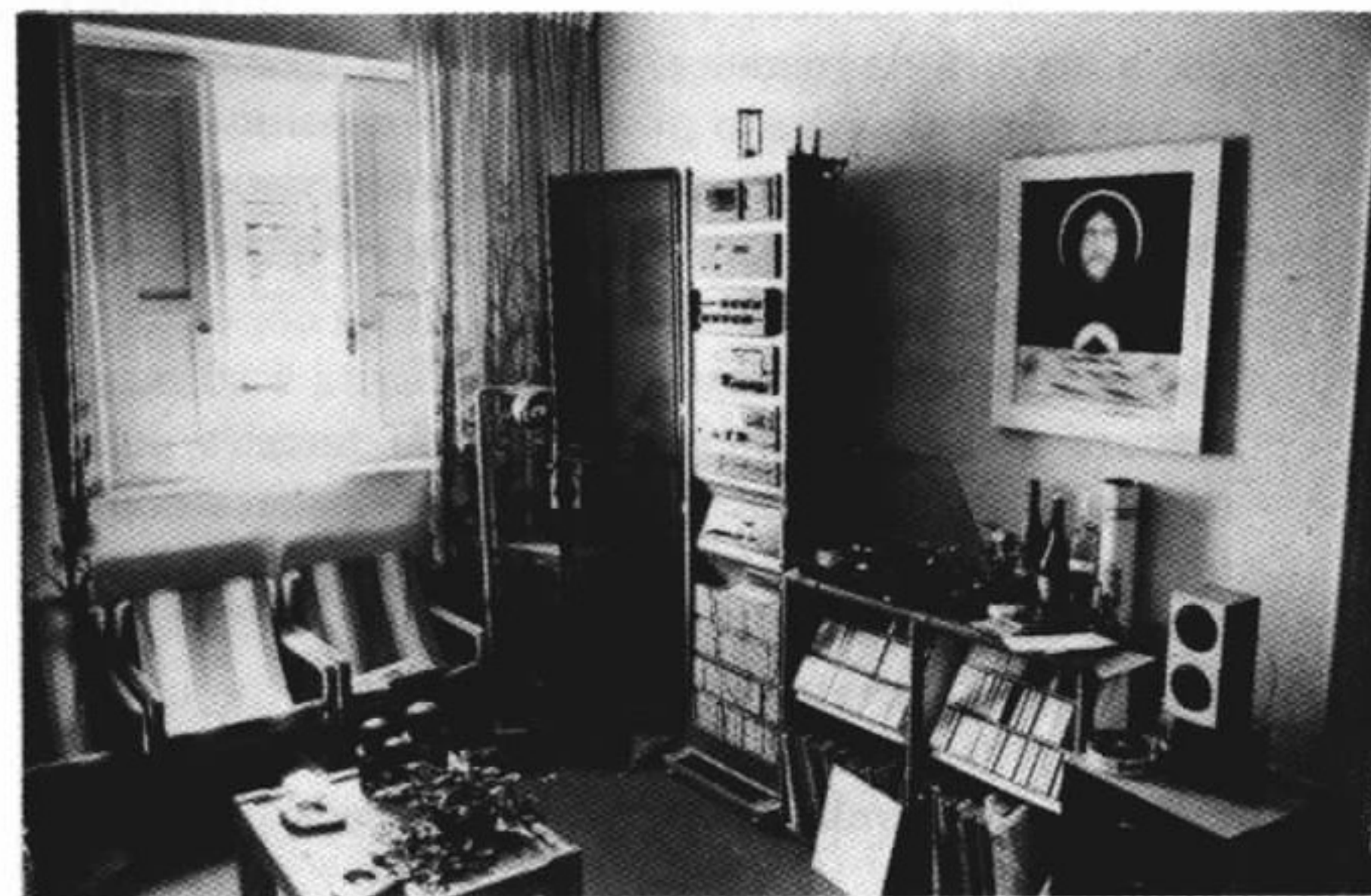
Luís Fernando também cria e executa alguns dos seus móveis: as cadeiras foram feitas por ele com tubos de PVC e lona; as estantes para fitas, em papelão, e as caixas acústicas, no mesmo material, com alto-falantes embutidos. Além disto, Luís Fernando tem feito alguns ensaios no campo da pintura a óleo, preferindo os temas "metafísicos". Em sua opinião, a pintura ainda será aperfeiçoada até atingir um resultado que lhe satisfaça, e por esta razão seus quadros não constam do elenco das peças desta exposição.

Embora suas miniaturas de carros não se destinem exclusivamente às crianças, Luís Fernando tem na filha Dádiva, de 3 anos, uma admiradora e mesmo uma companheira de trabalho em sua oficina, montada num dos quartos do apartamento onde mora. Desfrutando ao máximo da convivência com a filha e aprendendo muita coisa com ela, como faz questão de salientar, Luís Fernando participa ainda de algo do mundo infantil, o que se revela não apenas na escolha dos carrinhos, mas na declaração do artista: "em qualquer presente, para mim, interessa mais a embalagem do que o presente."

Elizabeth Travassos



1. Luís Fernando Couto e sua filha Dádiva.

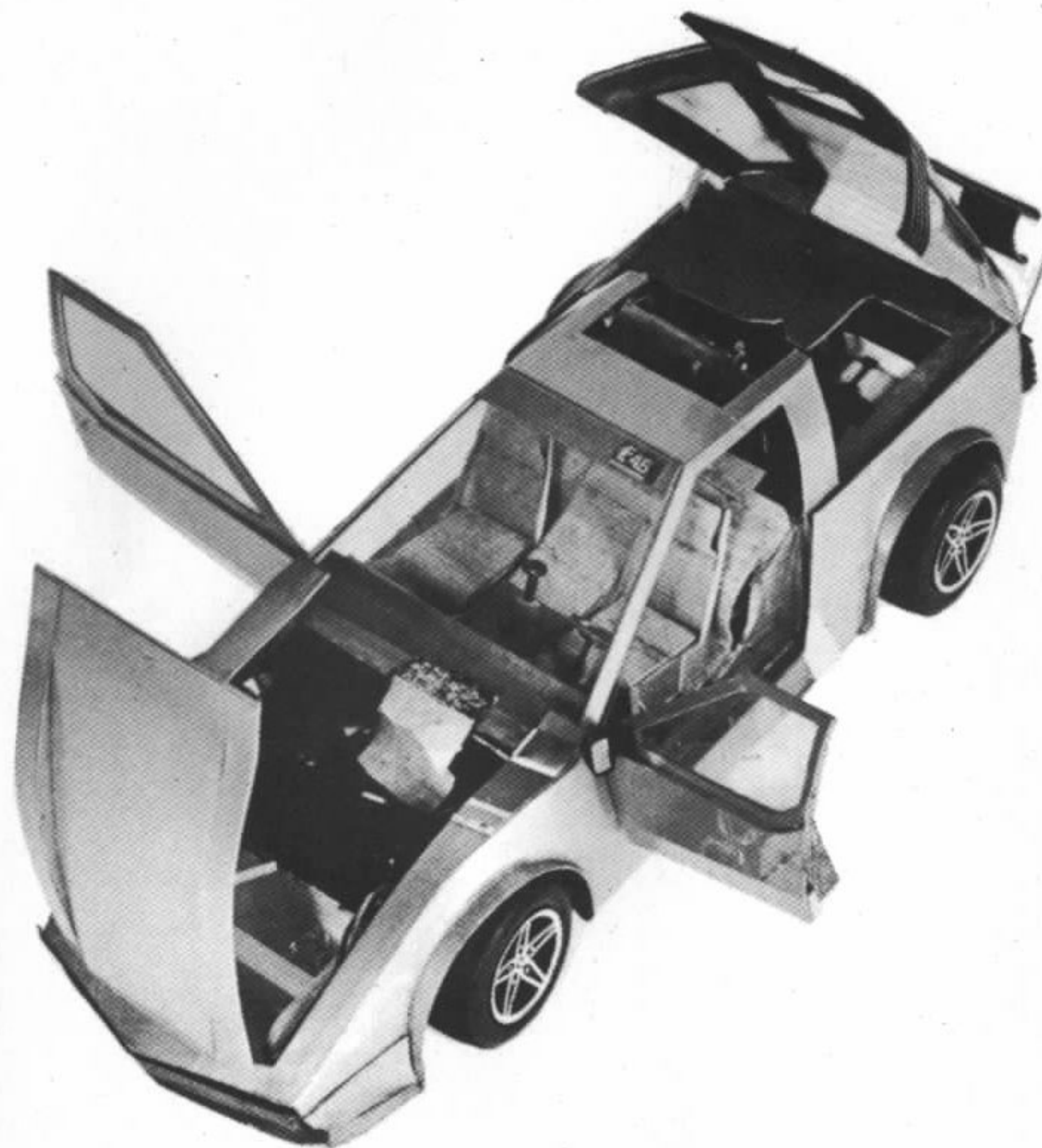
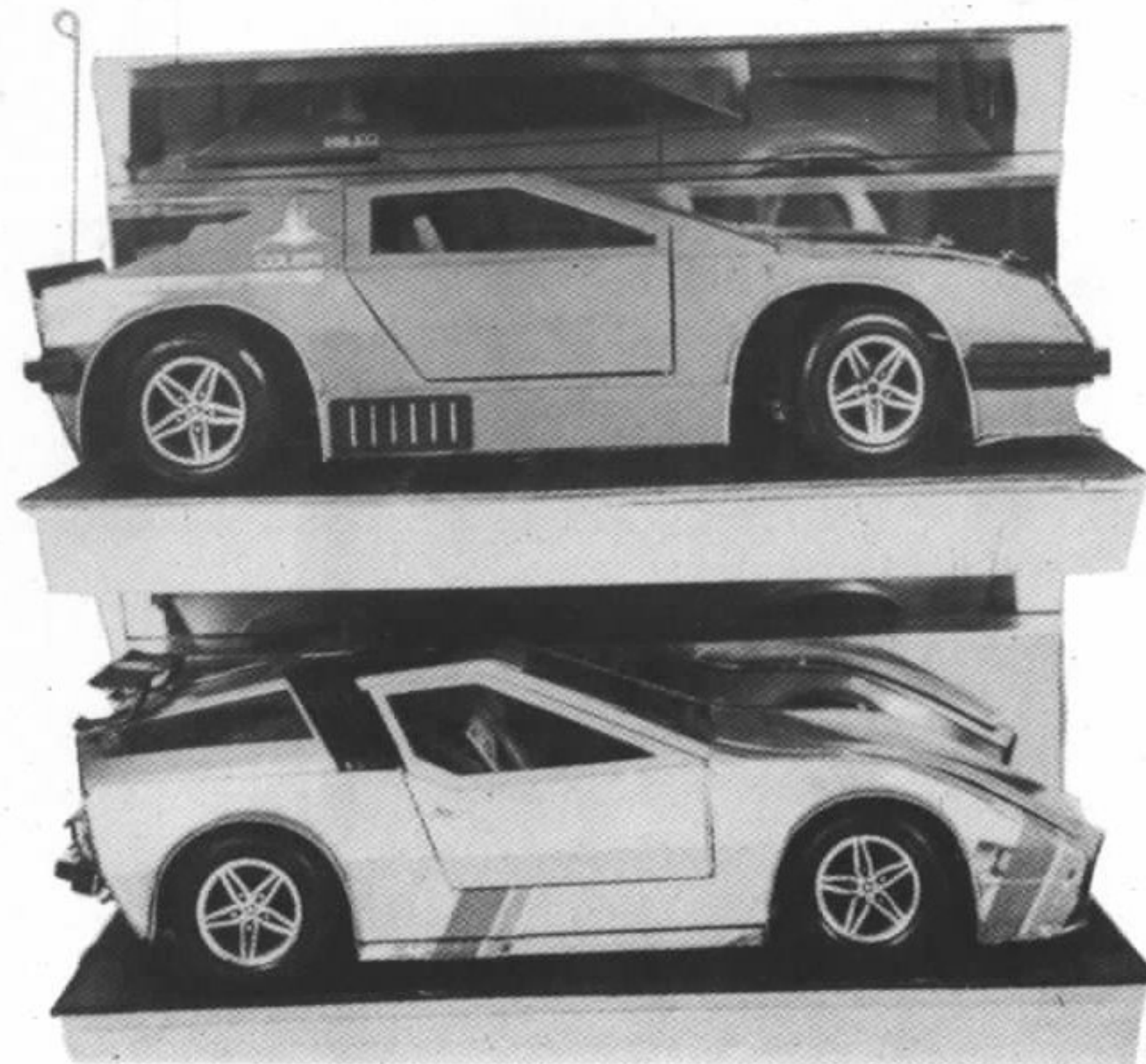


2. Cadeiras, estantes para fitas e discos, armário para equipamento de som, caixas acústicas: tudo feito em tubos de PVC, lona e papelão por Luís F. Couto. Na parede, um quadro a óleo do artista.



3. Luís F. Couto e sua coleção de miniaturas de instrumentos musicais.

5. Carro esporte motorizado e com controle remoto.



4. *Display* em papelão e papel espelhado para exibição dos automóveis.

Exposição: 15 a 31 de outubro de 1985

A
NAR
UNART
FUNARTE
UNART
NAR
A